

MEUS QUERIDOS
MONSTRINHOS

BRUXA

UM FERIADO ASSOMBROSO NA FLORESTA

ANDRÉ VIANCO



ILUSTRAÇÕES
SANTOS

ROCCO EDITAL



MEUS QUERIDOS
MONSTRINHOS

BRUXA

UM FERIADO ASSOMBROSO NA FLORESTA



ANDRÉ VIANCO

ILUSTRAÇÕES
SANTOS

ROCCO EDITORA

Esta aventura é dedicada aos meus queridos monstros... (opa!),
meus queridos sobrinhos, devoradores de histórias, Thiago,
Miguel, Amanda e Kayke A. V.
Todos os traços e cores foram pensados para os pequeninos...
Dedico em especial ao meu filhão, Yan, o pequeno guerreiro,
que me inspira e motiva a ilustrar esta coleção.
S.



Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Leia também
Créditos
O Autor
O Ilustrador



SÓ EXISTE uma coisa de que eu gosto mais do que férias e essa coisa se chama feriado prolongado. Feriado é um grande momento de curtidão. Nada de acordar cedo com a mamãe gritando no meu ouvido, nada de ter que me arrastar que nem zumbi para o ônibus da escola, nada de lição de casa depois da aula, porque durante o feriado nem aula a gente tem.



Aproveito esses dias de folga para ler meus quadrinhos e jogar meus games favoritos. Desço para o play e arrebento no futebol com meus amigos. Também fazemos nossas brincadeiras preferidas, como esconde-esconde e corrida de skate, com toda a turma se divertindo. Mas tudo isso vai ficar para trás desta vez porque este feriado vai ser muito diferente e especial.







A BIA me convidou para conhecer o casarão do seu avô Luiz, que morreu há três anos. Ela me contou um montão de histórias sobre o lugar, encravado na Serra do Mar. Disse que a paisagem era muito bonita, com morros e lagos, cercado por árvores de tantas espécies que eu nem consigo lembrar. Seu avô tinha sido biólogo e historiador, por isso gostava tanto da natureza, a ponto de construir sua casa no meio das árvores.

O velho Luiz costumava contar uma porção de histórias de assombração bem assustadoras, mas a mãe da Bia garantia que era tudo imaginação do avô, que tinha por hobby colecionar cacarecos encontrados em suas expedições pela mata ao redor da casa. Essas caminhadas aguçavam sua imaginação, e depois dos passeios ele inventava uma porção de contos da carochinha. A Bia me contou que lá no casarão tinham sobrado alguns livros bem curiosos que ele mesmo havia escrito.

Na hora eu disse que era muito maneiro, mas logo que cheguei em casa, mordido de curiosidade, corri para o tablet da minha mãe e fui pesquisar na internet o que diabos significava essa coisa de carochinha.





DESCOBRI que um dos significados de “carochinha” era “baratinha” em Portugal e que os “contos da carochinha” eram historinhas inventadas, cheias de criaturas mágicas, para distrair as crianças. Não sei se o avô da Bia contava histórias verdadeiras ou se era tudo invenção, mas a verdade mesmo é que aquela viagem já estava mexendo com a minha imaginação.

Que coisas malucas eu iria encontrar por lá? Só tinha um jeito de mergulhar nesse mistério: arrumar minha mala e viajar com a Bia e os pais dela. Cocei a cabeça pensando: será que meus pais vão deixar?





MINHA mãe e meu pai pensaram um pouco e concluíram que era uma boa ideia eu passear com a Bia. Assim, eles poderiam viajar também para algum lugar divertido, feito dois namorados. Mamãe vivia dizendo que estava cansada da correria do dia a dia e que morria de saudades do tempo de namoro, quando em toda oportunidade bolavam uma escapadinha.

Toalha, sabonete, escova de dente, cuecas: minha mãe colocou na mala tudo o que ela achava que eu iria precisar. Enquanto isso, separei todas as coisas que garantiriam a diversão. Como a Bia disse que perto da casa havia um lago, peguei meu pé de pato e a máscara de mergulho. Enfiei na mala também uma lata de linha para minha pipa, uma bola, uma lanterna e o GPS do papai para não me perder na mata. Pronto! Aquele feriado prolongado ia ser da hora!







MEU coração batia disparado. Era a primeira vez que eu viajava sem o papai e a mamãe e logo para um lugar que a Bia dizia ser assombrado. É claro que não contei esse pequeno detalhe para os meus pais. Eu queria ver com meus próprios olhos as coisas que vinham do além. A Bia me disse que durante as caminhadas pela mata seu avô encontrou muitas vezes criaturas encantadas. Talvez os livros que ele escreveu não fossem apenas imaginação. Já pensou se deparar com um lobisomem ou um fantasma do nada? Só de pensar nisso me dava um frio na barriga.





DO lado de fora do antigo casarão, havia uma floresta prontinha para ser explorada. Dentro da casa, o laboratório de estudos do avô Luiz estava preservado e por todos os cantos havia bichos diferentes. No corredor, um tucano e duas araras vermelhas; na sala de jantar, um tatu-bola e uma onça; na sala de estar, uma família de micos-leões-dourados observados por uma faminta jaguatirica.

Pobrezinhos, todos os animais estavam empalhados, os olhos arregalados, assombrando a casa inteira. A mãe da Bia dizia que todos aqueles animaizinhos tinham sido encontrados mortos na floresta e que o avô Luiz os mandava para um taxidermista, que os deixava daquele jeito. Ela ainda disse que aquilo era muito lúgubre. Eu também achei, mas corri para meu quarto e anotei essas duas palavras. Assim que eu voltasse para casa iria pesquisar o significado de taxidermista e uma coisa lúgubre.







DESCEMOS até o porão para a Bia me mostrar mais coisas velhas de seu avô. Uma armadilha de caçar saci, uma mecha de cabelo que ela jurava ser da Cuca. A Bia me explicou que a Cuca era uma bruxa que habitava as florestas e levava para sua caverna as crianças desobedientes. Seus cabelos eram compridos e tinha a cabeça de jacaré. Eu juro que tentei, mas não consegui me segurar e caí na gargalhada. A Bia ficou brava e perguntou por que eu estava rindo tanto.

– A caverna dessa Cuca deve estar lotada! – respondi. – Imagina se ia caber tanta criança num lugar só?! – E continuei a rir.

– Você acha engraçado agora, Pedro, mas, se um dia a Cuca aparecer, quero ver você rir desse jeito.

Engoli minhas risadas e não disse mais nada, mas fiquei imaginando a figura da Cuca, uma bruxa cabeluda com cara de jacaré, se esgueirando pelas grutas e cachoeiras da mata. Eu estava doido para encontrar com uma criatura encantada, mas tenho certeza de que se encontrasse com a Cuca eu não ia conseguir segurar uma boa gargalhada.





— **SE** você acha que é mentira, olha isto aqui. Meu avô descreveu neste livro todos os bichos que ele conheceu.

Peguei o livro, enchi o peito e soprei com toda força. A poeira da capa levantou e o título logo apareceu: “Encontros com criaturas fantásticas da Mata Atlântica”. Olhei para a Bia e vi que ela sorria como se tivesse acabado de vencer uma aposta. Meus olhos percorreram as primeiras páginas com ansiedade. Estava tudo escrito à mão, com uma letrinha miúda, e cheio de desenhos com traços bem fininhos feitos com nanquim. O primeiro desenho do livro era justamente a Cuca em frente a um caldeirão. Minha vontade era de devorar o livro, mas a Bia disse que aquelas anotações eram muito valiosas e que era melhor devolver aquele tesouro para a prateleira.





SAÍMOS do porão para respirar ar puro. O vento soprava gostoso e os pássaros faziam a festa. Perto da casa tinha de tudo, cascatas, rios, palmeiras, jequitibás e até paus-brasil. As copas das enormes árvores formavam um grande telhado natural, criando um clima à parte na floresta. O ar ficava mais fresco e úmido, os pássaros vojavam entre os galhos, cantando e dando boas-vindas a quem se arriscava pelas longas trilhas. Comiam frutas aqui e ali e carregavam sementes em seus bicos. Era bonito ver tudo isso acontecendo, igualzinho ao que eu tinha lido no livro da escola.





BIA não tinha a menor preguiça de caminhar. Podia passar horas andando e desbravando a mata em busca de uma nova história: o seu barato era colecionar aventuras. Quando voltava da caminhada, seus pais se sentavam no sofá para ouvir, animados, as histórias da filha, fazendo caretas e dando muitas risadas. Eu pensei que ela devia ser muito parecida com o avô. Afinal de contas, ela era uma garota muito aventureira. Era esse jeito diferente da Bia que me fazia gostar de estar com ela. Será que isso é o que chamam de paixão?

Continuamos nossa caminhada e estranhos objetos começaram a aparecer. O primeiro foi um velho tabuleiro de xadrez cheio de teias de aranha e caramujos, escondido em um arbusto. Assim que o viu, Bia foi logo colocando as mãos nele.





– **SE** limparmos bem, vai ficar feito novo. Ele está inteiro e não merece ficar aqui jogado – avaliou minha quase namorada.

– Podemos pegar umas pedrinhas pelo caminho para jogar uma partida – sugeri.

– Quer jogar damas comigo, Pedro?

Dei de ombros e disse que sim. A Bia abriu um sorriso imenso e veio para o meu lado.

– Fique logo sabendo que eu sou a melhor nesse jogo, você vai perder todas as partidas!

– Até parece! Você pensa que é a melhor nesse jogo. Assim que voltarmos você vai ver.

Nossa conversa e contação de vantagens continuou até chegarmos ao topo de um morro, onde escalamos uma enorme rocha. Do alto dela dava para ver toda a mata, a Bia estava sorrindo e a gente estava contente. Era o cenário perfeito, com pássaros cantando e borboletas voando ao nosso redor.





JURO para vocês que se eu fosse valente teria feito a ela o meu pedido secreto. Respirei fundo e disse: – Ei, Bia. Olha só o que eu achei!

Ainda bem que não paguei mico pedindo a Bia em namoro. Quando pensei em revelar meu segredo, vi um brilho ao pé da pedra, e foi esse achado que me salvou da revelação. O brilho vinha do reflexo do vidro de um velho lampião de acampamento. Estava um bocado enferrujado e sujo, o metal amassado, mas com um pouquinho de esperteza poderia servir para alguma coisa, até mesmo para decoração. Minha mãe e minha tia viviam comprando coisas em feirinhas de antiguidades, talvez uma delas gostasse daquele lampião depois que eu desse uma boa restaurada nele.







ESTÁVAMOS voltando para o casarão quando começamos uma nova aventura. No meio das flores e arbustos da floresta, meio escondida por folhas secas e pedras, encontramos uma antiga lápide. A Bia, em vez de ficar com medo, abriu outro sorriso. Sem sombra de dúvida ela era uma exploradora nata, assim como seu avô Luiz. Bia andou até o túmulo marcado pela lápide de pedra branca, que ficava bem debaixo de um frondoso abacateiro. Caída em frente à tumba estava uma vassoura velha e ressecada. Bia e eu ficamos um bom tempo pensando quem estaria enterrado no meio da floresta.

Mais corajosa do que eu pensava, Bia fez o que jamais me atreveria. Apanhou a tal vassoura, varreu a lápide e deixou à mostra o nome gravado na pedra, revelando a identidade de quem dormia ali: DIANA.

Ficamos em silêncio, em respeito àquela descoberta: o túmulo de alguém que tinha vivido ali muito antes do avô da Bia. Cuidamos do lugar, retirando as folhas secas e os galhos caídos. Bia varreu ao redor da sepultura, deixando tudo bem limpinho, e depois colocamos flores sobre a lápide.





FOMOS embora durante o pôr do sol, Bia carregando a vassoura no ombro, como um novo troféu. Ela fez questão de testá-la na varanda da casa, varrendo o assoalho. Apesar de antiga e maltratada, a vassoura ainda funcionava direitinho. Decidimos guardá-la no porão junto com o tabuleiro e o lampião, aumentando a famosa coleção do avô Luiz.

Na hora do jantar, já tínhamos esquecido nossas aventuras. Brincamos de fazer sombras no teto e rimos até a hora de dormir. Sonhávamos com uma noite tranquila e revigorante que terminaria quando o sol se levantasse e iluminasse toda a floresta. Mas não foi isso que aconteceu...





NO meio da madrugada escutamos um barulho estranho fora da casa. O tenebroso rangido foi entrando pelo meu ouvido e me fez despertar. Acendi minha lanterna e, com os olhos arregalados de pavor, acordei a Bia.

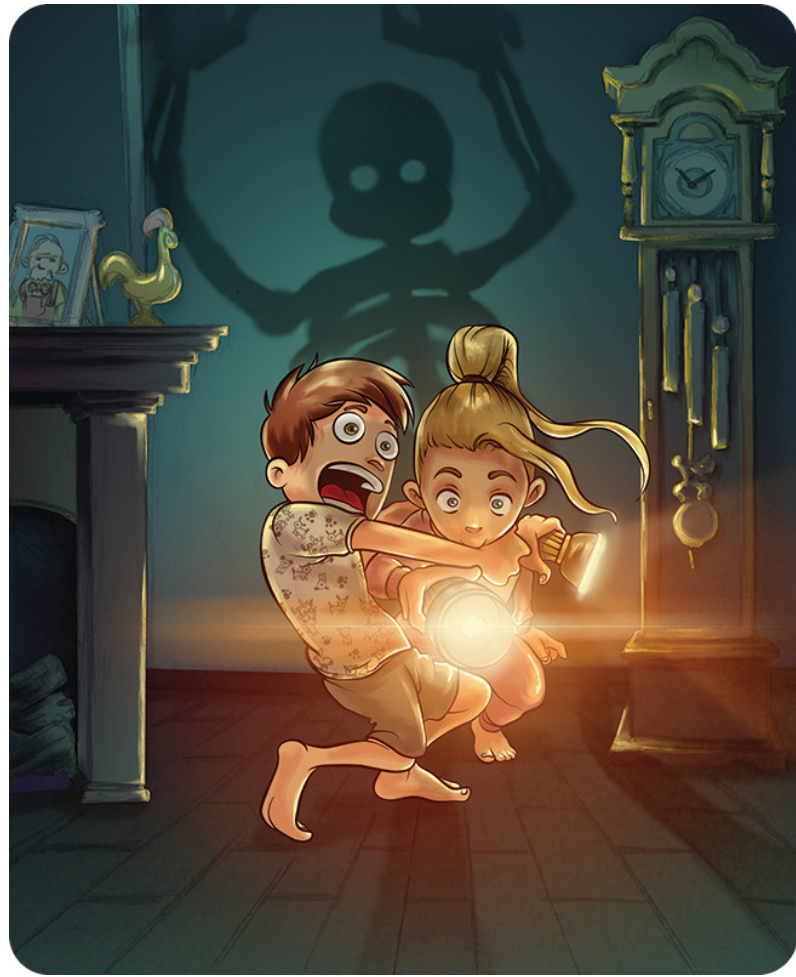
Parecia que uma criatura de outra galáxia estava arranhando a janela pelo lado de fora, fazendo a gente tremer e implorar para que ela nos deixasse em paz e fosse embora.

Para nosso desespero, uma voz sombria respondeu:

– Eu quero o que de mim vocês tomaram. Só assim para o meu descanso poderei voltar. Se não devolverem o que é meu, para sempre os dois vou assombrar!

Bia e eu nos abraçamos, com medo, e tentamos desvendar o que a criatura queria.







– EU quero o que de mim vocês tomaram! – gemeu novamente a assombração.

– Oh! Meu Deus! O que vamos fazer? – perguntou Bia, apavorada.

– Não sei. Talvez a gente tenha que devolver o que a voz está pedindo – falei.

Com a lanterna iluminando o caminho, nos esgueiramos pela casa, passando pelos assustadores bichos empalhados que pareciam vigiar nosso caminho e chegamos ao porão.

Olhamos para a prateleira onde estava a coleção e iluminamos os objetos que tínhamos encontrado na mata.

– Deve ser isso! – gritou a Bia, apanhando o tabuleiro de xadrez.





– Com certeza, só pode ser isso.

Voltamos para o quarto e abrimos uma fresta da janela e arremessamos o tabuleiro no quintal, esperando que a assombração nos deixasse em paz.

Ficamos juntinhos, sentados em cima do tapete, enrolados no cobertor, acordados de tanto pavor. Minha lanterna iluminava à nossa volta. Quando amanheceu, ficamos felizes. Não escutamos mais a voz e sentimos que estávamos livres dela para sempre.







FOMOS até a cachoeira, nadamos de montão, pescamos e almoçamos embaixo de uma goiabeira. Quando voltamos para a casa, já estávamos de pança cheia.

Mais tarde, depois do banho, jantamos com os pais da Bia, saboreamos gelatina com frutas de sobremesa e contamos todas as nossas aventuras. Naquele momento gostoso a casa era só alegria.

A noite chegou e a hora de dormir também. Cansados, fomos para a cama, ansiosos para que a manhã nascesse e com ela chegasse um pacote cheio de bagunças para o novo dia.

Mas lá pela meia-noite acordamos assustados, alguma coisa arranhava a janela do lado de fora, fazendo “carrat-carrat”. A assombração tinha voltado!

– Eu quero o que de mim vocês tomaram!

– Ué! Mas nós demos o tabuleiro para o fantasma. O que mais pode ser? – perguntei.





VOLTAMOS ao porão e paramos na frente da prateleira. Desta vez tentei solucionar o mistério daquela aparição.

– Deve ser esse velho lampião que eu encontrei. Se ele for aceso, talvez ilumine o caminho das almas penadas!

– Credo, Pedro! Você está até parecendo meu avô, falando desse jeito!

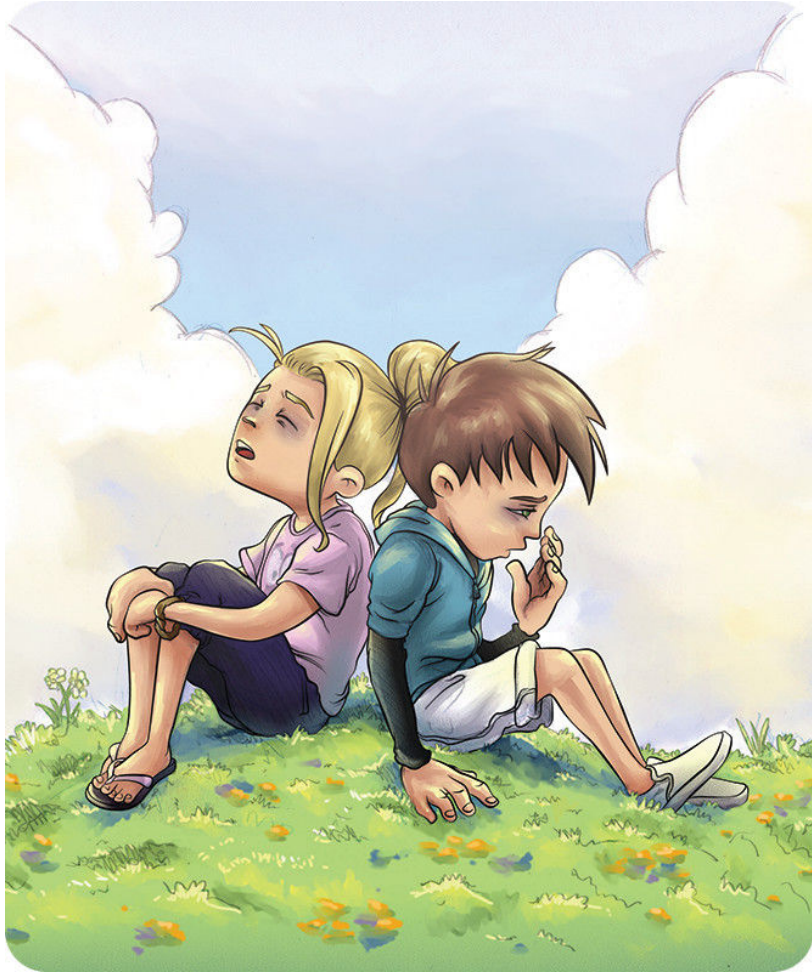
Sem saber se aquilo era uma crítica ou um elogio, voltei com a Bia até nosso quarto e, como fizemos na noite anterior, abrimos um pouquinho a janela e jogamos para fora o bendito lampião, dando por encerrado o caso da assombração.





ACORDAMOS com os olhos fundos de tanto sono e nossas brincadeiras foram mais leves, sem muita correria. Depois do almoço, tiramos um cochilo na rede. Eu sonhei com a assombração, dona de mãos horríveis que arranhavam a janela, e a Bia sonhou com seu velho avô, que, sentado em um aspirador de pó, avisava que a assombração ainda ia nos causar muito pavor.

Quando despertamos da sesta, compartilhamos nossos sonhos e concordamos que eram premonições avisando que o tormento ainda não tinha acabado. Pensamos em contar para os pais da Bia, mas fiquei espantado com a coragem da minha quase namorada. Ela me disse que, do jeito que sua mãe era medrosa, se contasse a ela, iríamos todos embora, estragando o feriado inteiro.





NESTA noite nos preparamos, mas de tão ansiosos mal conseguimos dormir. Não foi nenhuma surpresa quando novamente ouvimos o estranho arranhar. Tomei coragem e escancarei a janela. Bia apontou minha lanterna para o quintal e juntos soltamos um grito de horror. Um esqueleto estava do lado de fora nos encarando. De tão branquinho ele reluzia debaixo da luz da lua, seus dentes enfileirados pareciam sorrir, mas a voz que escapava daquele fantasma nos fez estremecer.

– Eu quero o que de mim vocês tomaram! – gemeu.





FECHEI a janela deixando a assombração para trás e corremos mais uma vez até o porão. Não havia outra opção, só podia ser aquilo. Na nossa coleção restava apenas a velha vassoura que encontramos no túmulo abandonado.

Voltamos para o quarto e eu abri novamente a janela. Bia, corajosa como sempre, estendeu a vassoura para o esqueleto, que sorriu, cheio de dentes, e apanhou seu objeto de estimação. A coisa ossuda abraçou a vassoura e, para nossa surpresa, algo mágico aconteceu: um bando de vaga-lumes surgiu da floresta, girou ao redor do esqueleto e revelou sua real identidade. Os insetos produziram um brilho poderoso e quando se foram o esqueleto não existia mais.





QUEM estava ali na nossa frente era uma linda moça vestida de bruxa, com chapéu pontudo e sua vassoura encantada. Ela montou no cabo da vassoura e deu uma longa gargalhada. Olhou dentro dos nossos olhos e decolou, voando para longe e nos deixando em paz.

Respiramos aliviados, pois o mistério estava resolvido. A vassoura roubada daquele pequeno cemitério pertencia a uma bruxa de verdade, despertada por nós dois de seu sono eterno.





DEPOIS daquela noite, nunca mais vimos a misteriosa bruxinha, nem ouvimos sua sombria voz. Contamos para nossa turma a aventura que vivemos na Mata Atlântica, mas vocês acham que alguém acreditou? É claro que não! No final das contas, todo mundo achou que eu e a Bia fizemos igual ao avô Luiz: inventamos um conto da carochinha com um final feliz!





P.S.: Eu pesquisei e descobri que taxidermista não tem nada a ver com táxi. É a pessoa que empalha animais mortos para preservar a forma deles. Também vi que lúgubre quer dizer, entre outras coisas, algo assustador, aterrador, sinistro, sombrio. Vou te dizer: concordo totalmente com a mãe da Bia!





SÉRIE MEUS QUERIDOS MONSTRINHOS

Zumbi

Bruxa

Vampiro

Copyright © 2014 by André Vianco Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br **ROCCO JOVENS LEITORES**

GERENTE EDITORIAL

Ana Martins Bergin SUBEDITOR

Pedro Afonso Vasquez EDITORES ASSISTENTES

Larissa Helena

Manon Bourgeade (arte)

Milena Vargas

Viviane Maurey

ASSISTENTES

Gilvan Brito (arte)

Silvânia Rangel (produção gráfica) PREPARAÇÃO DE TEXTO

Elisa Menezes REVISÃO

Mariana Moura

Wendell Setubal

PROJETO GRÁFICO (impresso) Bruno Dante **ROCCO DIGITAL**

COORDENAÇÃO DIGITAL

Lúcia Reis ASSISTENTE DE PRODUÇÃO DIGITAL

Joana De Conti REVISÃO DE ARQUIVO EPUB

Cecília C. B. Cavalcanti

V664b

Vianco, André

Bruxa [recurso eletrônico] : um feriado assombroso na floresta / André Vianco ;
ilustrações Santtos. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital : il. (Meus queridos monstros ; 2)

ISBN 978-85-8122-332-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Santtos. II. Título. III. Série.

13-07873

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O AUTOR



André Vianco mora na cidade de Osasco, em São Paulo, e já publicou mais de uma dezena de livros que misturam fantasia, romance, mistério e terror, entre eles O caso Laura, editado pela Rocco.

O ILUSTRADOR



Santtos é um ilustrador extremamente versátil, capaz de operar nos mais diversos registros, passando do real ao fantástico com eficiência e talento.



Vampiro

Vianco, André
9788581224817
48 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um vampiro com dor de dente. Dois amigos dispostos a ajudar. E uma incrível viagem pela cidade em busca de uma solução... Pedro é chamado por Bia para ajudar um amigo em apuros. Desta vez, o garoto tem que encontrar a amiga depois do pôr do sol. O local? O antigo e abandonado casarão da família Depiro, que segundo as histórias locais é mal-assombrado... André Vianco continua a coleção Meus queridos monstros. E neste novo livro, trabalha com o monstro que o consagrou e que todos aguardavam ansiosamente: o vampiro. Pedro e Bia estão novamente envolvidos com o sobrenatural... Agora os garotos têm que ajudar Eric, um garoto vampiro, com dor de dente... e para isso a dupla vai ter que atravessar a cidade com um vampiro para chegar ao dentista. Novamente com as fantásticas ilustrações de Santtos, André Vianco leva Pedro e Bia a mais um encontro inusitado com seres fantásticos. Neste livro, os vampiros não são os ferozes chupadores de sangue, mas um adorável garoto com um problema que tem dois amigos dispostos a ajudá-lo em uma noite muito especial...

[Compre agora e leia](#)



Os monstros mais medrosos do mundo

Browne, Paula
9788581225357
36 páginas

[Compre agora e leia](#)

Terrível! Medonho! Apavorante! Dentro do armário, debaixo da cama; com cinco pernas, quatro braços, dentes vampíricos. Todo mundo tem medo de monstro. Até mesmo... os monstros! Como é que pode? É o que nos mostra a escritora e ilustradora Paula Browne em *Os monstros mais medrosos do mundo*, promessa de risos, e não de sustos. O livro conta a história de Ugo Pedregulho, um lindo monstrinho. Quer dizer, lindo para a sua família, afinal, Ugo era um monstro. E monstros são monstros. O importante é que ele era amado! E isso é a coisa mais linda de se ver. Ele adorava criar histórias, escrever poesias, inventar sanduíches, colecionar figurinhas e até — vejam só que esquisito — dançar pelado pela casa! Coisas desconhecidas, no entanto, deixavam o monstrinho receoso: o primeiro dia de aula, um prato diferente, uma irmãzinha. Como lidar com o novo? Pior ainda: como lidar com o seu semelhante se todos na cidade são monstros? E monstros, como já fora dito, são monstros. Temíveis, aterrorizantes, arrepiantes! Contudo, se monstros são monstros, é evidente, por que monstros têm medo de monstros? Ugo Pedregulho logo percebe que talvez os monstros não se conhecessem direito. E uma ideia genial do esperto monstrinho poderia fazer com que aqueles monstros mais medrosos do mundo se tornassem os mais felizes, amigos e

tolerantes. Com muito humor e delicadeza, além de ilustrações assustadoramente divertidas, Paula Browne ensina à turminha leitora que somos todos iguais, mas diferentes — cada um com seus gostos, qualidades, defeitos —, e que é importante não só respeitar tais diferenças, mas compreendê-las. Permitir-se conhecer e aprender com o outro não é nenhum bicho-papão.

[Compre agora e leia](#)

ROCCO

LUIZA TRIGO



AS VALENTINAS

• UMA HISTÓRIA DE MEUS 15 ANOS •

As Valentinas

Trigo, Luiza

9788581223926

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar. No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica. Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim. Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando. As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da

grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

[Compre agora e leia](#)

A CAIXINHA MÁGICA

Luiza Trigo



ROCCO EDITORE

A caixinha mágica

Trigo, Luiza

9788581223285

23 páginas

[Compre agora e leia](#)

Priscila tem uma vida bem diferente de todas as outras meninas de sua idade. Quando mais nova, perdeu os pais e passou a viver em um orfanato, afastada de tudo e todos com quem teve contato um dia. Mas aos doze anos, na noite de Natal, uma surpresa muda a sua vida e a maneira de lembrar o passado e de imaginar o futuro, fazendo-a ser ainda mais especial. O que será que aconteceu naquele Natal? A caixinha mágica é um conto especial da autora Luiza Trigo que traz fantasia e diversão; assim como todo Natal deve ser.

[Compre agora e leia](#)



Fui uma boa menina?

Munhóz, Carolina

9788581223278

19 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nestas páginas de diário, uma adolescente fora do comum escreve sobre seus dramas e conflitos familiares ao mesmo tempo corriqueiros e excepcionais, em uma narrativa envolvente, cheia de suspense e, claro, com o toque de fantasia característico de Carolina Munhóz, que vem conquistando jovens leitores por todo o Brasil. Fui uma boa menina?, conto de estreia da autora na editora Rocco, é um presente de Natal para todos os fãs.

[Compre agora e leia](#)